

AS ASTÚCIAS DO MENDIGO E SUAS PRÁTICAS IDENTITÁRIAS

Joselma Caetano do Nascimento

Eu me chamo de excluído como alguém me chamou
Mas pode me chamar do que quiser seu dotô
Eu num tenho nome
Eu num tenho identidade
Eu num tenho nem certeza se sou gente de verdade
Eu num tenho nada, mas gostaria de ter
Aproveita seu dotô e dá um trocado pra eu comer.
Gabriel o Pensador

A palavra inclusão está na moda. Usa-se esse termo em discursos políticos, em trabalhos acadêmicos, em debates educacionais, em propagandas, projetos pedagógicos das escolas, em diferentes áreas sociais estão sempre utilizando a expressão “incluir”, muitas vezes, ilusoriamente, temos a percepção de que realmente estamos vivendo um período de inclusão social, só que a idéia fica só nos discursos e não ocorre na prática. Sabemos que existem no Brasil e no mundo pessoas que vivem totalmente excluídos do convívio social, que não conseguem se enquadrar no mundo da inclusão. Podemos citar, entre tantos, os doentes mentais, os sem-teto, os mendigos, estes últimos serão objeto de estudo do presente artigo.

Muitas são as denominações utilizadas nos textos acadêmicos e nos discursos do censo comum para se tratar de pessoas que pedem esmolas. Mattos (2003) ⁱ cita algumas: mendigo, trecheiroⁱⁱ, morador de rua, nômade urbano, entre outros. Tamanho número de denominações é resultado de características diversas que essas pessoas possuem. Optamos por utilizar o termo “mendigo” por observarmos que este termo deriva do latim *mendicus* e caracteriza aquele que pede esmolas, que suplica a caridade pública (Cunha, 1998; Silva, 2000ⁱⁱⁱ). Esse recorte será utilizado porque nos interessou, na presente pesquisa, entrevistar pessoas que pediam esmolas a outras. Fizemos entrevistas com moradores da comunidade de Boa Vista^{iv}, levando em consideração o fato de que muitos que residem naquela comunidade praticam a mendicância, mesmo tendo alguma atividade de trabalho ou recebendo alguma ajuda vinda de políticas públicas como bolsa família ou a aposentadoria. Não nos interessa saber os motivos que os levam a pedir esmolas, mas observar quais são as artimanhas ou como afirma Certeau (1994) quais são as táticas e as astúcias^v

utilizadas pelos mendigos de Boa Vista para obter seu sustento ou mesmo complementa-lo através de pedidos de esmolas, de alimentação, de roupas e de outros objetos básicos de que necessitam.

Vale ressaltar que nem toda pessoa necessitada mendiga e nem todo mendigo é uma pessoa necessitada, sobre isso Stoffels (1977) em seu estudo utilizou a denominação “mendigos profissionais”. Pessoas que simulam a condição de miséria para sensibilizar a caridade pública e obter seu sustento. Dessa forma, utilizariam a mendicância como uma atividade profissional, um trabalho. Sabemos que existem pessoas miseráveis que não mendigam, mas procuram outras alternativas para obter seu sustento, como viver sob a tutela do Estado, de alguma ajuda privada ou de grupos religiosos ou mesmo através de reciclagem de lixo como papel e metal.

No caso dos nossos entrevistados percebemos que estes possuem singularidades, não quiseram ou não conseguiram se enquadrar nas regras do progresso econômico e procuraram uma forma de driblar o jogo, usando estratégias para alterar as regras do espaço opressor e transformar a ordem estabelecida em um palco onde são usadas “astúcias e esperteza no modo de utilizar ou driblar os termos dos contratos sociais”(Certeau,1994,p.79)

Na realidade vivemos em um período onde o homem ou se enquadra nas características ditadas pelo capitalismo, pelo progresso econômico ou está fora do jogo social, político e econômico. Nesse sentido Bauman (2005,p.24) afirma “no carro do progresso, o número de assentos e de lugares em pé não é em regra, suficiente para acomodar todos os passageiros potenciais, e a admissão sempre foi seletiva”. Aqueles que não acompanharam o ritmo econômico tornaram-se refugo humano^{vi}.

O refugo é o resto, o excesso, o que não tem utilidade, os homens que vivem a margem, que não se enquadram no processo de globalização e por isso são descartados, como um objeto que depois de usado torna-se lixo, não servem para desenvolver o ideal consumista que a sociedade tanto almeja. Este é o destino dos desempregados, dos sem-teto, dos favelados, dos mendigos e de muitos outros que se tornaram desnecessários, este é o caso das pessoas que nos propomos a analisar.

Selecionamos quatro entrevistas com os moradores da comunidade de Boa Vista para escrever este artigo, todos afirmaram que utilizam ou já utilizaram a prática da

mendicância, são eles: Antônio^{vii} de 65 anos, Lia de 60 anos, Pedrosa de 27 anos e Maria de 74 anos. Pretendemos analisar através de seus discursos as táticas e estratégias^{viii} criadas por estes para praticar a mendicância além de observarmos a forma como se auto-identificam e as diferentes identidades^{ix} que são construídas por membros de comunidades vizinhas para os moradores de Boa Vista que praticam a mendicância. É importante ressaltar que todos têm moradias fixas, vivem com suas famílias e possuem alguma forma de sobrevivência. Não pretendemos questionar os motivos que levam essas pessoas a praticarem a mendicância, mas observar quais são as artimanhas, as astúcias utilizadas por estes para conseguir convencer a sociedade a lhes fazerem doações.

Perguntamos aos entrevistados sobre suas origens, todos responderam que nasceram e vivem até hoje na comunidade, apenas a mais velha, Maria^x nos dá uma alternativa para sabermos um pouco mais sobre a formação da comunidade, ela afirma: “Nasci e me criei aqui, meus pais são daqui, a minha avó dizia que meu avô era “famia” de cigano”. Temos aqui um indício de que essa comunidade formou-se a partir de grupos de ciganos.

No que diz respeito a profissão dos entrevistados, todos afirmam trabalhar na agricultura, mas complementam a renda com ajuda do Estado através de programas assistencialistas e pedindo ajuda em outras localidades. Lia^{xi} afirma que é agricultora e aposentada, mas pede, aos sábados, na feira de Aroeiras para complementar a alimentação da família:

“Trabalho na enxada, sou aposentada, eu peço, no sabo, na feira da Aroeira, pra arrumar uma verdurinha né, aivei agente tá na mal, você sabe, dinheiro de aposento agente não vê nem a cor, gasta tudo, eu devo no mercadinho, aivei num fica nem o dinheiro da passage”.

Antônio^{xii} também afirma ser agricultor e complementa a renda pedindo em cidades distantes onde as pessoas não os conhecem:

“Vivo da agricultura, quando agente lucra, quando não, fica assim, passando fome, come aqui, come aculá. Ta vendo essa baiba grande, eu deixo crescer porque é mais fácil pedir, eu peço, eu não vou negar não, eu peço em Surubim, de vez enquanto em Orobó, pra arrumar uma verdurinha pra comer a semana todinha, agente não pode negar não, que é verdade mermo, só não peço na Aroeira porque todo mundo me conhece”.

Observa-se na fala dos dois entrevistados que utilizam os mesmos discursos para justificar a prática da mendicância, passando a idéia de que pede apenas verdura para complementar a alimentação da família. Enquanto Lia afirma pedir na feira de Aroeiras, que acontece aos sábados, Antônio usa outra estratégia, utiliza uma caracterização, a barba grande, para ter uma aparência de necessitado, de mendigo e vai para outras cidades onde não é reconhecido. Vemos nestas falas que existem artimanhas, táticas e estratégias para driblar as regras sociais e sutilmente, sem ser reconhecido - no caso de Antônio - praticam a mendicância como uma complementação alimentar, utilizando-se do anonimato para conseguir realizar tal prática.

Uma terceira entrevistada que aqui chamamos de Maria diz que vive da agricultura e de uma ajuda do governo, devido à idade avançada não pode mais sair para outras localidades, mas afirma que criou os filhos fazendo essa prática:

“Criei meus filhos o pai trabalhando, ele foi pro Rio, lá tirou a vida dele, fiquei viúva, com três meninos pequenos, eu fui embolando, embolando, até que meu fii mais velho conseguiu me encostar. Quando eu me vi com meus meninos com fome, pedindo uma bolacha e eu não tinha pra dar, safa pra Aroeira, Gado Brabo e pedia ao povo, mas quando crescero eu deixei de pedir, hoje eu num peço mais não, vez por outra minha nora sai pelo mundo pedindo uma ajudinha né, eu num agüento andar mais não, por causa da idade”.

A nora de Maria é outra entrevistada que chamamos de Pedrosa^{xiii}, chegamos em sua casa no momento em que ela estava separando dois sacos de roupas, fomos convidados a entrar e sentar, começamos a conversar sobre a comunidade, sobre emprego e nesta conversa ela disse: “Vivo da agricultura, quando é tempo de seca vou pra Pernambuco pedir uma ajuda, quando aparece um dia de serviço eu faço, quando não, vou embolando assim mermo”. Perguntamos se ela recebe alguma ajuda do governo, sua resposta foi a seguinte:

“A única ajuda que eu recebo é a bolsa famia, eu não vou me rebaixar a prefeito não, eu vou pra outras cidades e peço ao povo, eu não vou mentir. Tá vendo esses sacos de roupa foi o povo que me deu tô separando pra minha famia, o que não seive pra nós eu troco com o povo daqui ou dou a outra pessoa que precisa”.

Enquanto Maria afirma pedir esmolas apenas quando seus filhos eram crianças se deslocando para as cidades vizinhas, Aroeiras e Gado Bravo, demonstrando que fazia tal prática por necessidade, visto que era viúva e precisava alimentar a família, sua nora usa outro discurso, a falta de emprego, de oportunidade de trabalhar que a leva ao deslocamento para outras cidades. Observamos em seus discursos que é comum alguns moradores da localidade viajarem para outras cidades, principalmente para o Estado vizinho, Pernambuco, para trabalhar ou mesmo para praticar a mendicância, na comunidade tem uma empresa de ônibus que faz viagens semanalmente para diferentes cidades além dos transportes alternativos que são alugados pelos moradores para fazer viagens. Sobre isto Pedrosa afirma: “Na sexta-feira os ônibus vão chei pra Pernambuco, eu vou pedir em Orobó, Bom Jardim, o povo de lá tem mais escundição, me dão roupa, comida, dinheiro, tudo o que dé seive”. Perguntamos se não era melhor ir pedir em Aroeiras já que é uma cidade próxima, ela respondeu: “Não peço na Aroeira, Deus me livre, o povo de lá me conhece, em Pernambuco o povo nem sabe onde moro”.

Existe uma opção pelo anonimato, demonstrando que praticar a mendicância onde as pessoas as conhecem é vergonhoso, ou mesmo por ser reconhecido por outros não vão conseguir obter sucesso com a prática. Esse ato de pedir ao desconhecido é mais uma tática e estratégia utilizada por estas pessoas que procuram modificar a ordem dominante, o espaço opressor, mudando a regra do jogo social que valoriza aqueles que possuem emprego e são útil no mundo consumista, estes quebram essas regras, driblam as necessidades e conseguem sobreviver.

“Eles metaforizam a ordem dominante [...]. Permaneciam outros, no interior do sistema que assimilavam e que os assimilava exteriormente. Modificavam-no sem deixa-lo. Procedimentos de consumo conservavam a sua diferença no próprio espaço organizado pelo ocupante”.(Certeau,1994, p.93)

Essas pessoas criam esquemas para praticar a mendicância, assim como um escritor cria estilos para escrever, como afirma Certeau (1994) são criadas “maneiras de fazer”, de caminhar, de trabalhar de convivência com a comunidade, de obter o sustento para sobreviver. Num primeiro plano vivem sob uma sociedade reguladora,

opressora, mas utiliza aí uma maneira de tirar partido de tudo isso, desobedecendo às regras sociais, e fazendo um jogo que funciona diferente, a sua maneira.

Nos discursos dos entrevistados podemos perceber a forma como os próprios constroem suas identidades, demonstrando serem pessoas simples, que vivem em harmonia com a comunidade, mas economicamente falando identificam-se como pobres, sofridos, doentes e sem possibilidades de trabalhar – seja porque o mercado de trabalho não os oferece alternativa seja pelo fato de sofrerem de doenças que os impossibilitam de trabalhar. Sobre isto Antônio afirma: “Aqui tem um bucado de gente que pede, eu peço porque sou doente, tava todo inchado essa semana, ontem fui tirar sangue, eu sou doente não posso trabalhar”. Como já foi dito anteriormente não nos interessa os motivos que os leva a prática da mendicância, mas estamos analisando aqui a auto- identificação dos entrevistados que no caso de Antônio é de doente, de impossibilitado de trabalhar.

É interessante observarmos a forma como os outros^{xiv} os vêem, as diferentes identidades que são (re) construídas pelas comunidades vizinhas. Falar dos moradores de Boa Vista nas regiões circunvizinhas é fazer referência a pedintes, mendigos, preguiçosos, pessoas que usam táticas e astúcias para conseguir se dar bem às custas da boa vontade alheia. Ser de Boa Vista é ter todos esses adjetivos, é carregar idéias construídas socialmente que são generalizadas para todos que ali residem, levando muitos moradores a negarem seu pertencimento ao local. Realizamos algumas entrevistas com moradores das comunidades vizinhas e constatamos que existe uma relação de alteridade^{xv} onde é construída uma identidade para o outro a partir das regras sociais instituídas, da diferença, da classificação.

Uma jovem de 16 anos, moradora da comunidade de Areia^{xvi} diz: “O povo de Boa Vista são belos atores, eles se caracterizam para pedir, vestem roupas sujas e rasgadas para comover as pessoas”. Na concepção dessa jovem existe uma espécie de teatralização, são criados personagens para obter a caridade alheia. Outro morador de Areia, que aqui chamaremos de João afirma: “Eles são preguiçosos, querem ganhar sem fazer esforço, se você oferecer trabalho eles recusam, querem viver assim, pedindo, andando pelo mundo sem ter compromisso com nada, são espertos”. Outras identidades são construídas na fala de João, preguiçosos, aqueles que preferem o ócio, não seguem as regras que o mundo do trabalho oferece; andarilhos, espertos.

Um morador de Gado Bravo, Manoel, motorista de transporte alternativo, relata um fato que parece comum entre os pedintes de Boa Vista:

“Viajo todas as terças-feiras para Santa Cruz do Capibaribe, o camarada entra bonzinho no carro, quando chega lá veste uma roupa rasgada, suja e começa a mancar ou se faz de cego para comover as pessoas a lhes darem esmolas, já me acostumei com eles, nem me espanto mais”.

Podemos dizer que a identidade, assim como a diferença, é uma relação social, que muitas vezes são impostas a partir de uma relação de poder, essa relação é responsável por reproduzir a alteridade, onde se define quem é o “outro” que pode ser identificável a partir classificação, da diferenciação, da hierarquização. É a partir do “eu” superior, positivo que se constrói identidades que só podem ser avaliadas de forma negativa, a diferença é responsável por criar identidades. Para Bauman (2005) os progressos tecnológicos, a globalização, produzem novos meios de sobrevivência, onde uma parcela considerável da população mundial nem sempre consegue acompanhar ou mesmo se adaptar, transformando-se em “refugos humanos”. Esses refugos acabam sendo um problema social, problema este que o mercado de trabalho e as políticas públicas não conseguem resolver. A partir dessa falta de solução muitos procuram diversas possibilidades de sobrevivência no mundo que o excluiu, que o transformou em refugio, em resto. Sobre isto Bauman (2005) afirma:

“[...]tendem a dominar estratégias de vida e a revestir as atividades mais importantes da existência, estimulando-as a gerar seu próprio refugio *sui generis*: relacionamentos humanos natimortos, inadequados, inválidos ou inviáveis, nascidos com a marca do descarte iminente”.(p.41)

Este é o caso dos moradores de Boa Vista, não conseguiram ou não tiveram oportunidades de se enquadrar no progresso econômico ou na globalização e acabaram se tornando “refugos humanos”. Para driblar essa situação encontraram uma saída, um caminho cheio de táticas, astúcias e artimanhas para sobreviver, a mendicância. São usadas habilidades, estratégias, criam-se situações, caracterizam-se, fazem uma espécie de teatro, tornam-se artistas e demonstram-se sobreviventes neste mundo de exclusão. Como a ordem é desconstruída e a lei ignorada, são (re)construídas diversas identidades para qualifica-los ou melhor desqualifica-los em

um jogo de forças produzido a partir da alteridade onde o outro é tratado como um problema, um incômodo que deve ser isolado, controlado e até mesmo demonizado.

Considerações Finais.

Os discursos dos entrevistados indicam que os moradores da comunidade de Boa Vista que praticam a mendicância o fazem a partir de estratégias, de táticas e astúcias para convencer a sociedade a lhes darem alimentos e pequenos objetos de que necessitam.

Por utilizarem essas artimanhas são produzidas diversas identidades negativas para classificá-los, sabemos que independentemente de classes sociais e referências políticas e culturais a sociedade vê a prática de pedir esmolas com hostilidade, com discriminação e desprezo, ser pedinte é ser sujo, pobre, preguiçoso, é ser “refugo” e por isso excluído da sociedade de consumo que o sistema capitalista tanto almeja.

Apesar da discriminação generalizada, percebemos nos discursos dos entrevistados que praticam a mendicância, que esta foi uma saída encontrada por eles para driblar as regras sociais e o sistema econômico que os regem.

NOTAS

ⁱ MATTOS, R. M. Processo de construção da identidade do indivíduo em situação de rua: da ruralização a sedentarização. 2003. Pesquisa de iniciação científica (graduação em psicologia)- Faculdade de Psicologia, Universidade São Marcos. São Paulo.

ⁱⁱ O termo é oriundo dos trabalhadores que transitavam de uma cidade para outra a procura de trabalho, continua sendo usado pejorativamente por uns e naturalmente por quem já teve a experiência de trecho (referindo-se a esse tipo de percurso).

ⁱⁱⁱ CUNHA, A. G. DA. Dicionário Etimológico Nova Fronteira de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SILVA, de P. Vocabulário Jurídico. Rio de Janeiro. Editora Forense, 2000.

^{iv} A comunidade de Boa Vista pertence ao município de Gado Bravo situado no agreste paraibano, fazendo limites com os municípios de Aroeiras, Umbuzeiro, Barra de Santana, Queimadas e Santa Cecília, está localizada a uma distancia de 197 quilômetros da capital.

^v O termo astúcia é usado de acordo com o pensamento de Certeau, onde o homem procura através da esperteza, da sutilidade, driblar as regras sociais para conseguir viver em uma sociedade opressora.

^{vi} Conceito utilizado por Bauman para se referir as pessoas ou grupos sociais, que tornaram-se destituídos de meios de sobrevivências devido o efeito assolador da globalização.

^{vii} Optamos por utilizar pseudônimos para não expor os entrevistados.

^{viii} As palavras táticas e estratégias são usadas aqui de acordo com o pensamento de Certeau, as táticas são possibilidades de desvio da ordem estabelecida, uma espécie de manipulação, enquanto que as estratégias visam criar situações para tirar proveito delas.

^{ix} Entenda-se a palavra identidade aqui, referindo-se aos caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa ou de um grupo social que, no nosso caso, são as pessoas que praticam a mendicância na comunidade de Boa Vista.

^x De 74 anos, 11 filhos, mas apenas três é vivo, viúva a mais de 20 anos.

^{xi} Viúva, tem seis filhos e cria três netos.

^{xii} Afirma ter três filhos e viver com duas mulheres.

^{xiii} 37 anos de idade e três filhos.

^{xiv} Os outros são os moradores das cidades e das comunidades vizinhas a Boa Vista.

^{xv} Entendemos como alteridade o caráter ou qualidade do que é o outro.

^{xvi} Tão vizinha que não conseguimos definir onde termina Boa Vista e começa Areia.

Referencias bibliográficas.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas.** tradução Carlos Alberto Medeiros –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CUNHA, A. G. DA. **Dicionário etimológico Nova Fronteira de língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MATTOS, R. M. **Processo de construção da identidade do indivíduo em situação de rua:** da ruralização a sedentarização. 2003. Pesquisa de iniciação científica (graduação em psicologia) –Faculdade de Psicologia, Universidade São Marcos. São Paulo.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

SILVA, de P. **Vocabulário Jurídico.** Rio de Janeiro; Editora Forense, 2000.

STOFFELS, M. G. **Os mendigos na cidade de São Paulo:** Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.